



Obra de Johan Gottfried Herder (1744-1803), o inventor dessa entidade espiritual colectiva chamada povo (*das Volk*), enquanto comunidade total, consciente de si mesma, considerava que a característica mais importante da história era a variedade e a individualidade apresentadas pelas diferentes nações: *tal como a água de uma nascente recebe do solo donde brota a sua composição, as suas qualidades actuates e o seu sabor, assim o antigo carácter do povo proveio de traços raciais, do clima, do tipo de vida e da educação, das ocupações primitivas e das acções peculiares a cada um desses povos. Os costumes dos antepassados enraizaram-se profundamente e tornaram-se protótipo íntimo da raça.* Considerado o pai do nacional-romantismo e do pan-eslavismo. Porque a divisão da humanidade em povos seria uma parte do plano da criação, onde cada povo teria a sua própria missão. Assim, as culturas nacionais seriam auto-manifestações divinas e progressivas. Só através de um povo é que o homem poderia participar na humanidade. A nação deixa de ser mera categoria política prática e simples sociedade atomisticamente concebida, e vai procurar raízes no conceito de *Volk*, como um *povo orgânico*, marcado por uma unidade de língua e de cultura e consciente de constituir uma unidade. Passa-se assim da *nação-contrato* para a *nação-génio*, aquela entidade a que vai atribuir-se uma alma colectiva, o *Volksgeist*, que faz dela uma totalidade englobante, mas a que se dá uma raiz naturalista. Para Herder, como nota Vítor Aguiar e Silva, a nação é um organismo *dotado de um espírito próprio, espírito que se desenvolve ao longo do tempo, mas que não se modifica na sua essência, e que constitui a matriz de todas as manifestações culturais e institucionais de uma nação.* Assim se compreende que o mesmo declare: *o Estado mais natural é um Estado composto de um só povo, com um só carácter nacional. Um povo é um crescimento natural, assim como uma família, apenas mais amplamente difundido. [... ] Como em todas as comunidades humanas [... ] também, no caso do Estado, a ordem natural é a melhor, isto é, a ordem em que cada um desempenhe aquelas funções a que o destinou a natureza.* Um povo que é visto

como uma espécie de *homem em ponto grande*, dotado de uma imanência, à imagem e semelhança da vida interior da pessoa. Onde haveria *forças vivas humanas* que gerariam *caracteres nacionais específicos* porque *tal como a água de uma nascente recebe do solo donde brota a sua composição, as suas qualidades actuantes e o seu sabor, assim o antigo carácter dos povos proveio de traços raciais, do clima, do tipo de vida e da educação, das ocupações primitivas e das acções peculiares a cada um desses povos*. Neste sentido, a vida de cada povo é comparada ao desenvolvimento de uma planta onde *a cultura de um povo é a flor da sua existência, pela qual ele se revela dum forma deveras agradável, mas transitória*, pelo que *a sanidade e duração de um estado não dependem do grau máximo da sua cultura, mas de um sábio ou feliz equilíbrio das suas forças vivamente activas. Quanto mais fundos forem estes alicerces vivos do seu centro de gravidade, mais firme e duradouro ele será* (ver a trad. cast. *Obra Selecta*, Madrid, Alfaguara, 1982).